

OPINIÃO

Empresas estão investindo errado em segurança?

Paulo Lima (*)

Principalmente após o avanço tecnológico acelerado dos últimos anos, a segurança digital se tornou um dos principais pilares para a continuidade dos negócios.

Se antes era uma área isolada, distante das decisões estratégicas, hoje influência diretamente risco, operação e reputação das empresas. Nesse contexto, a forma como os investimentos são aplicados é tão importante quanto o valor investido. Quanto a isso, a questão que fica é: as companhias estão investindo nas áreas onde o risco realmente está?

De acordo com os dados do Relatório de Cibersegurança 2025: Panorama e Insights da Brasscom o Brasil deve investir R\$ 104,6 bilhões em cibersegurança até 2028, registrando um crescimento de 43,8% em relação ao período de 2021 a 2024. O levantamento apresenta também que o país é reconhecido como uma referência global em cibersegurança, mas segue entre os principais alvos de ataques cibernéticos, com o phishing liderando as ocorrências.

Esse cenário revela uma contradição significativa: mesmo com alto investimento, as ameaças mais recorrentes estão relacionadas a falhas na gestão de acesso e proteção de identidade. Diante disso, torna-se evidente a necessidade de não apenas ampliar investimentos, mas direcioná-los de forma estratégica para amenizar as principais vulnerabilidades.

Nesse contexto, a resposta do mercado tem sido o fortalecimento das iniciativas voltadas à proteção digital. Para reduzir a incidência dos ataques, as empresas têm intensificado suas aplicações em cibersegurança voltadas tanto à operação quanto à exposição de dados dos clientes. Segun-

do dados da pesquisa "Antes da TI: A Estratégia" – edição 2026, feita pelo IT Forum Inteligência, os principais focos de investimentos dos CIOs brasileiros para os próximos doze meses são cibersegurança (74%) e gestão de dados (64%).

Sabemos que o avanço dos investimentos em segurança digital no Brasil está em curso, mas os números por si só não respondem à pergunta mais importante: para onde esse dinheiro está indo? A própria Brasscom sintetiza bem o dilema ao classificar o Brasil como "early adopter, but late finisher", ou seja, adotamos tecnologias rapidamente, mas demoramos a consolidá-las de forma estratégica.

Investir mais em ferramentas enquanto credenciais comprometidas seguem sendo o principal vetor de invasão é, em outras palavras, ampliar o perímetro protegido sem fechar a porta que os atacantes mais utilizam. O direcionamento correto exige que a segurança deixe de ser tratada como linha de custo e passe a ser encarada como decisão de negócio, com governança, responsabilidade clara e conexão direta com os riscos reais da operação.

Portanto, acredito que as empresas brasileiras deveriam pensar melhor na sua distribuição, e não focar apenas em como aumentar o orçamento. Os ataques cibernéticos dos últimos anos só reforçam que organizações resilientes, diferentemente das vulneráveis, conseguem agir com clareza operacional, visibilidade real do ambiente e processos bem definidos para quando o incidente acontecer. Portanto, o valor investido fica em segundo plano quando percebemos que uma segurança eficaz está muito mais relacionada a onde e com qual propósito os recursos são de fato aplicados.

(*) CEO da Skynova, empresa destaque em serviços de e-mail corporativo, cloud computing e segurança digital.

OpenAI lança versão do ChatGPT para profissionais de saúde

Apresentado em fins de abril, o ChatGPT for Clinicians é uma versão especializada do chatbot, projetada para apoiar médicos e outros profissionais de saúde em tarefas como suporte a consultas, documentação e pesquisa.

Vivaldo José Breternitz (*)

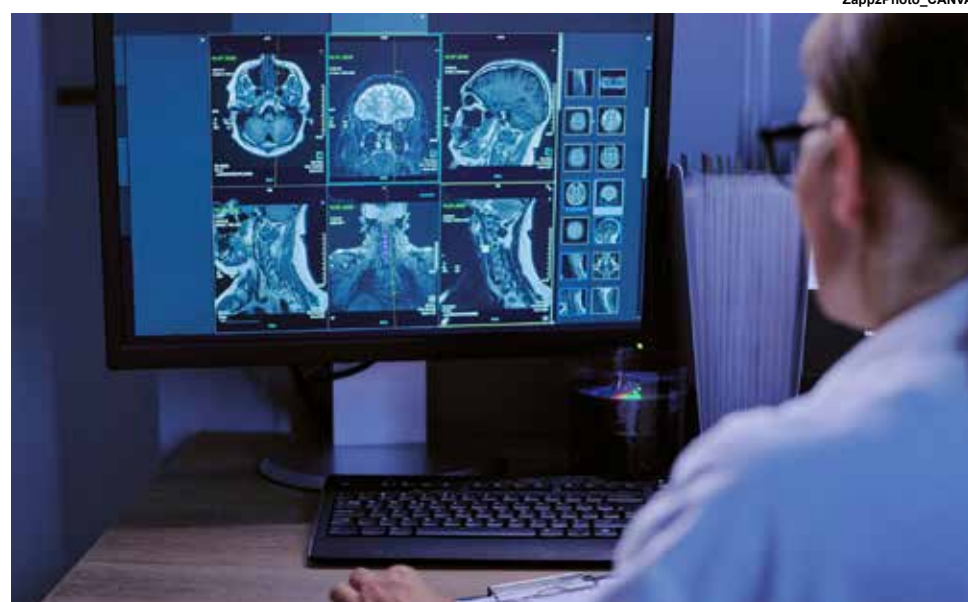
Diferente do que acontece com as soluções voltadas ao usuário final, como o Copilot Health da Microsoft ou o ChatGPT Health da própria OpenAI, o uso desta versão é restrito a profissionais da área; a ferramenta é gratuita, mas no momento apenas profissionais trabalhando nos Estados Unidos podem usá-la.

Karan Singhal, executivo da OpenAI, onde chefia a área de saúde, é hoje uma das vozes mais influentes na interseção entre ciência médica e inteligência artificial, defendendo que a IA deve ser usada para empoderar médicos e pacientes, mas nunca substituir o julgamento humano.

Segundo Singhal, milhões de médicos acessam o ChatGPT semanalmente, levando a empresa a criar essa versão específica para apoiar esses profissionais; segundo ele, "a realidade é que muitos estão sobrecarregados. Qualquer recurso que facilite o trabalho e permita foco no paciente faz diferença para ambos".

O modelo não é novo: utiliza o GPT-5.4, mas com um conjunto de ferramentas específicas para tarefas na área de saúde: médicos, enfermeiros, farmacêuticos e outros profissionais da área podem acessar o ChatGPT for Clinicians, mediante verificação.

Um dos maiores desafios do uso de IA na área de saúde é garantir respostas precisas, sem alucinações. Com esse objetivo, a OpenAI criou a ferramenta trabalhando com milhares de médicos, incluindo especialistas de instituições como o Sloan Kettering, um dos hospitais e centros de pesquisa mais



Zapp2Photo_CANVA

renomados do mundo na área de oncologia, situado em Nova Iorque.

O sistema se baseia em estudos revisados por pares, diretrizes de saúde pública e protocolos clínicos. Nos testes efetuados com o uso do HealthBench Professional, ferramenta de benchmarking criada pela OpenAI para avaliar a precisão e a segurança de modelos de linguagem aplicados à saúde, usando critérios definidos por médicos em cenários clínicos realistas, o modelo alcançou 99,6% em precisão e segurança.

A presença da IA na saúde cresce rapidamente; em ambientes clínicos, estudos recentes indicam que modelos de IA podem igualar e até superar profissionais em situações de triagem e diagnósticos de emergência.

Ainda assim, falta à tecnologia capacidade de julgamento humano, sensibilidade e experiência, elementos essenciais no cuidado ao paciente. Há também o risco de médicos reproduzirem vieses históricos presentes na literatura médica.

Apesar de ferramentas de inteligência artificial, como os chatbots, estarem ganhando espaço na área da saúde, as empresas de tecnologia e especialistas têm sido claros: a IA não deve substituir o médico, sendo essa a razão pela qual o ChatGPT usualmente recomenda que qualquer informação sobre saúde fornecida por ele, seja confirmada por um profissional humano.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Velocidade sem direção: como a IA amplifica o risco nas consultorias

Neste ano de 2026, não estamos diante de uma simples evolução tecnológica, mas de uma virada estrutural no mercado de consultoria em tecnologia. Durante décadas, o valor esteve concentrado na capacidade de execução: construir pipelines robustos, integrar sistemas complexos e manter operações funcionando sem falhas. Quem tinha o melhor "braço" técnico vencia. Esse modelo, porém, perdeu protagonismo.

Com o avanço de plataformas como Google Cloud, AWS e outras soluções de dados já prontas para uso, muito daquilo que antes exigia grandes equipes de engenharia agora vem "de fábrica". A inteligência artificial, embutida no core dessas tecnologias, reduziu drasticamente a barreira técnica. O diferencial deixou de ser "quem constrói melhor" e passou a ser "quem resolve o problema certo antes que o dinheiro acabe". Em outras palavras, execução virou commodity; decisão virou estratégia.

Esse movimento traz uma consequência inevitável: o enfraquecimento das chamadas atividades-meio. O profissional que apenas traduz requisitos em código corre o risco de se tornar irrelevante. Em seu lugar, emerge uma nova figura: o engenheiro de desfecho. Mais do que executar, ele garante que o problema foi, de fato, resolvido. O valor migra da produção para o julgamento, e isso exige maturidade, visão de negócio e senso crítico.

A IA acelera entregas, mas também acelera erros. Nunca foi tão fácil avançar rápido - e na direção errada. Esse paradoxo pressiona executivos e profissionais em início de carreira. Ainda assim, há espaço para quem está começando. A diferença é que a evolução deixa de depender exclusivamente de tempo de experiência e passa a depender de repertório, contexto e capacidade de decisão.



Arlindo Carlesso

Há uma armadilha crescente: o fascínio pelas "demos mágicas". São soluções que funcionam perfeitamente em ambientes controlados, mas falham ao enfrentar o mundo real - repleto de sistemas legados, integrações frágeis e regras de negócio complexas. O que funciona em dois dias pode colapsar em seis meses. A IA não elimina essa complexidade; em muitos casos, apenas a intensifica. A ilusão de simplicidade pode sair cara.

Vivemos também o efeito do Paradoxo de Jevons, que afirma que quando a tecnologia aumenta a eficiência no uso de um recurso, o consumo total desse recurso pode crescer em vez de diminuir. Quanto mais barato produzir código e dados, mais eles serão consumidos. O resultado é um aumento significativo na complexidade e na velocidade com que decisões ruins podem ser tomadas. Não se trata de substituição total de modelos, mas de uma redistribuição de valor e responsabilidades - e de riscos.

Nesse contexto, o papel das consultorias precisa ser redefinido. Mais do que construir soluções, elas devem orientar decisões, validar rapidamente o que gera impacto real e descartar o que não funciona. Isso exige uma combinação de alfabetização em IA no nível executivo, alinhamento estratégico e, sobretudo, muita coragem para interromper iniciativas que não trazem retorno, mesmo quando já consumiram tempo e orçamento.

Muitas vezes negligenciada, a governança volta ao centro do debate. Mas precisa ser diferente: menos burocrática e mais invisível, de forma que garanta controle sem travar a inovação. Em um cenário com agentes de IA tomando decisões em escala, entender quem usa o quê, para qual finalidade e com qual nível de risco, deixa de ser opcional e passa a ser estrutural e essencial.

Ao mesmo tempo, o cliente mudou. Ele busca menos fornecedores e mais responsabilidade, previsibilidade e resultado. Quer aplicar lógica de produto em tudo, mesmo em ambientes onde os dados ainda são complexos, fragmentados e dependentes de legado. O desafio, portanto, não desapareceu; apenas se transformou. E, na minha visão, ficou mais estratégico.

No fim, a realidade é clara: o jogo não é mais sobre velocidade pura, mas sobre direção. A IA é uma ferramenta poderosa, mas, sem critério, pode amplificar o caos. O tempo de decidir pela adaptação já passou. Agora, a vantagem competitiva está com quem consegue acelerar sem perder o controle do caminho - e, principalmente, com quem decide melhor antes de construir mais.

(Fonte: Arlindo Carlesso é Diretor de Operações & Pré-Vendas da Leega Consultoria).

News@TI

Solução de verificação de maioria com 99,98% de precisão

A Unico apresenta sua nova tecnologia proprietária de aferição de idade. Trata-se de um mecanismo confiável que, por meio de uma selfie, confirma de forma determinística e privada se o usuário é maior de idade, atendendo assim às demandas regulatórias e sociais relacionadas à proteção de crianças e adolescentes no ambiente digital. O lançamento contribui para que empresas que vendem produtos e serviços online cumpram a Lei nº 15.211/2025 - Estatuto Digital da Criança e do Adolescente, que entrou em vigor em 17 de março deste ano. A solução de aferição de maioria da Unico oferece 99,98% de assertividade ao confirmar se um usuário é maior de idade, sem depender de estimativas ou probabilidades. Desenvolvida sob o conceito de Privacy by Design, a tecnologia não armazena os dados biométricos coletados e também não compartilha dados do usuário com as plataformas digitais, pois é fornecida apenas a resposta necessária - sim ou não para maioria (www.unico.io).

Placa de vídeo Husky Alpha RTX

No mês de seu aniversário, o KaBuM!, maior e-commerce de tecnologia e games da América Latina, traz descontos na tradicional campanha Mega Maio. Além das ofertas, a Husky, marca própria da varejista e queridinha dos gamers, aumenta seu catálogo com a placa de vídeo Alpha RTX, que entrega o equilíbrio ideal entre performance de alto nível e acessibilidade técnica. A placa gráfica foi desenvolvida para rodar os principais jogos do mercado em configurações elevadas para permitir acesso a tecnologias avançadas sem exigir o investimento das linhas mais caras (@huskygtr e @kabum.smart).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 - Vila Mariana - São Paulo - SP - CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.